



DO PÓS COLONIALISMO À TRANSFORMAÇÃO: MEMÓRIA, TRAUMA E EXPRESSÃO ARTÍSTICA NA OBRA DE GRADA KILOMBA

MARIANA ANDRADE, GONÇALO SOARES, MARIANA MAGALHÃES
CENTRO HOSPITALAR PSIQUIÁTRICO DE LISBOA

BIO

Grada Kilomba é uma escritora, psicóloga e artista interdisciplinar portuguesa. Com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe e nascida nos subúrbios de Lisboa em 1968, formou-se em Psicologia Clínica e Psicanálise pelo ISPA. Doutorou-se em Filosofia pela Freie Universität de Berlim, do qual resulta a obra *Memórias da Plantação* (2008). A experiência de crescer em Portugal, país com um fresco passado colonial, marca profundamente o seu trabalho, que se estende por referências como Frantz Fanon e bell hooks para refletir sobre memória, raça, género e pós-colonialismo. Kilomba desdobra-se artisticamente entre a performance, encenação, instalação e vídeo, transportando para a sua obra um espaço híbrido entre a linguagem académica e artística inspirada na produção oral de conhecimento, naquilo a que chama de “**Performing Knowledge**”.

MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: EPISÓDIOS DE RACISMO QUOTIDIANO (2008)

A obra que resulta da tese de doutoramento de Grada Kilomba é uma compilação de **episódios quotidianos de racismo**, enfatizando a **mulher negra**. Partindo de entrevistas com duas afro-descendentes, relatam-se vivências de exclusão, passando pelos insultos raciais ao corpo e cabelo, expondo a violência e o trauma de se ser colocado/a como outro/a. O método escolhido é a narrativa biográfica não diretiva, seguindo perguntas abertas sobre identidade racial, racismo na infância, na família e na vida quotidiana.



Performance: leitura de excertos de *Plantation Memories*, 2015. Still video © Grada Kilomba

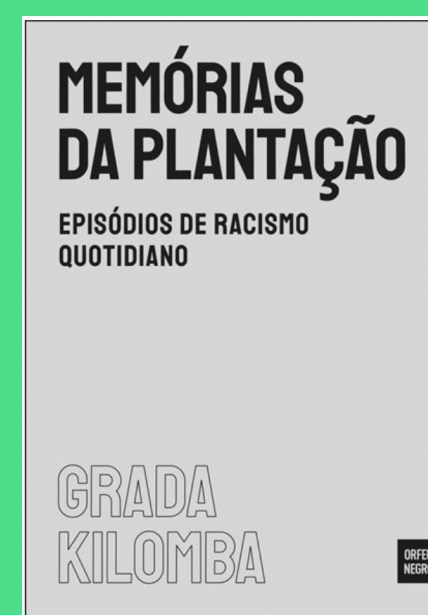


Figura 1. “Memórias da Plantação: Episódios de racismo quotidiano”. 2ª edição (2020), Orfeu Negro

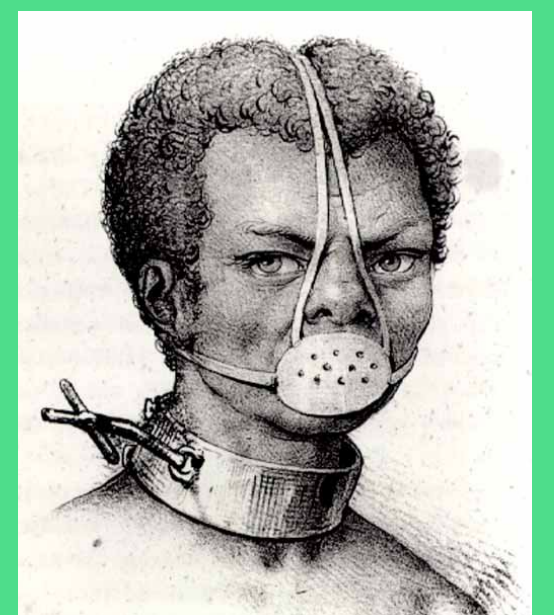


Figura 2. Escrava Anastácia e a máscara do silenciamento. Autoria de Jacques Arago (1817)

Alicia (afro-alemã) traz dúvidas identitárias relembrando a pergunta recorrente “de onde vens?”, tendo em conta os seus traços e cor de pele; e exotificação do corpo da mulher negra; a sua relação com o cabelo, constantemente constrangida por lhe tocarem sem consentimento; enquanto Kathleen (afro-americana) conta os elogios feitos à sua cor de pele em tom de surpresa ou a separação territorial no bairro entre negros e brancos.

Kilomba argumenta que a **escravatura** do povo africano e retirada dos seus territórios e famílias conduz a um sentimento de perda de identidade e cultura, condicionando o **trauma colonial**. Por um lado, o **trauma individual** que as pessoas da diáspora africana se viram obrigadas a gerir no seio da cultura branca dominante; por outro, o **trauma coletivo** histórico da escravatura e colonialismo que surge reencenado no racismo quotidiano, onde o negro constitui novamente a/o “outra/o subordinada/o e exótico” (KILOMBA, 2020. pp 240).

O trauma surge com três ideias fundamentais implícitas:

- O **choque violento** no racismo quotidiano, vivido como experiências inesperadas que o sujeito não consegue assimilar (como quando tocam o cabelo de Alicia sem consentimento ou saúdam Kathleen “que N. linda!”);
- A **separação** que as priva de um vínculo à sociedade (como quando perguntam de onde vêm);
- A **atemporalidade** na sensação de ser percebida no presente como se estivesse no passado, com o velho olhar colonial.

O RACISMO QUOTIDIANO SURGE COMO UM PROCESSO SEMELHANTE À COLONIZAÇÃO, EM QUE A PESSOA NEGRA SE SENTE APROPRIADA PELA/O BRANCO SEM PERMISSÃO, COMO SE DE UM TERRITÓRIO SE TRATASSE. ASSIM, O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO SURGE COMO LIBERTAÇÃO E CURA.